

---

# As memórias de Elizabeth Teixeira, mulher marcada para viver em seu centenário no Memorial das Ligas e Lutas Camponesas

---

Ana Paula Brito e Alane Lima

---

## 1. Introdução

Esse texto é um diálogo aberto, um emaranhado de informações e relatos da observação participante de duas mulheres pesquisadoras, mães, pardas, nordestinas, militantes da memória e dos direitos humanos, intelectuais, parceiras que o interesse em comum pelo fortalecimento do Memorial das Ligas e Lutas Camponesas uniu.

Provocações teóricas e metodológicas da Educação, da História, da Museologia e das Ciências Sociais ajudaram a iluminar caminhos de respostas diante de inquietações e ousadias que essas duas intelectuais que vos falam possuem. No texto, propomos conversar com você, estimada pessoa leitora, de braços dados com a escritora Conceição Evaristo, carregando um estandarte freiriano do esperar, que age. Nesse caminho proposto, convidamos você a tomar assento e a também falar durante nossa conversa. Se precisar, faça pausas, temos consciência de que conhecer memórias traumáticas afeta. Mas permita-se sentir e nomear o que sente, ao encontrar nossas memórias sobre o centenário de uma mulher marcada para viver. Esperamos que também possam sentir alegria, pois para o Memorial das Ligas e Lutas Camponesas (MLLC) foi uma grande alegria poder articular esse centenário, o reencontro de toda família, festejar a vida, a força da mulher e o reconhecimento nacional que, pouco a pouco, o legado de Elizabeth Teixeira tem recebido.

Ao longo da conversa, vamos lhes dizer quem para nós é dona Elizabeth, lhes falar sobre o trabalho hercúleo que é feito no MLLC para preservar a diversidade de memórias das Lutas pelo direito à terra, demonstrar a importância do fazer coletivo em iniciativas de memorialização e musealização de memórias traumáticas, apresentar os

---

principais atos que marcaram a atividade e lhes convidar a refletir sobre a participação e atuação das mulheres nas Lutas camponesas. Mulheres que passaram a vida dedicando-se ao ideal coletivo, mesmo tendo lhes custado um “preço” muito alto.

Vamos lhes contar sobre as homenagens a Elizabeth, no bojo do Festival Cultural da Memória Camponesa, realizado de 13 a 15 de fevereiro de 2025 na cidade de Sapé, zona rural do estado da Paraíba. E você poderá também visualizar imagens feitas pela equipe de comunicação do memorial, que nesse encontro material que aqui propomos, estão organizadas de modo a também falar, seja pela reprodução das imagens, seja pelas ausências sinalizadas e marcadas pelo trabalho de editoração feito.

Elizabeth Teixeira chega aos 100 anos com a língua afiada quando o assunto é a Luta pela reforma agrária no Brasil. Nos encontros com ela – entrevistas para programas de História Oral, documentários, ou mesmo em visitas feitas pela equipe do MLLC a sua residência –, percebemos que quando o tema é evocado, sua expressão facial, seu tom de voz, sua disposição física muda. Seu corpo reage de um modo diferente quando o termo “reforma agrária” entra em cena.

A psicóloga Ecléa Bosi, de vasta produção intelectual, tem uma obra que muito dialoga com o assunto que evocamos. Em “Memória e sociedade: lembrança de velhos” (1997), Bosi propõe análises sobre a memória dos velhos e elementos que ativam a memória, mesmo em processos degenerativos próprios da idade há conteúdos que permanecem.

No caso da Elizabeth, mesmo diante da fragilidade da memória no auge dos seus 100 anos, a palavra “reforma agrária” convoca sua mente e seu corpo a se colocar em movimento, ainda que de modo limitado. Como pesquisadoras, podemos sugerir que assistimos sua reação verbal e não verbal em resposta a ativação de sua memória, carregada de traumas pelas violências que a Luta pela reforma agrária causou a ela e sua família.

A psicanálise tem muito a contribuir com essas investigações no bojo dos chamados “gatilhos mentais e emo-





Elizabeth Teixeira com seus filhos e filhas após o assassinato de seu marido. Foto de autor desconhecido. Fonte: Acervo MLLC.



Último registro da família de Elizabeth e João Pedro Teixeira antes de seu assassinato, em 1962. Foto de autor desconhecido. Fonte: Acervo MLLC.



Ambas as fotos: da esquerda para a direita, Elizabeth Teixeira em reencontro inédito com seus filhos e filhas, em 2014, e com suas filhas e filho no seu centenário, em 2025. Foto de autor desconhecido. Fonte: Acervo CEV-PB.



Da esquerda para a direita, Elizabeth Teixeira com seus netos e netas e com seus bisnetos e tataranetos, em seu centenário. Foto: Acervo MLLC.

São duas imagens que antecedem separações traumatizantes para a família Teixeira e que marcaram uma história de violência que todo brasileiro e toda brasileira deveria conhecer e se importar.

Vendo essas duas imagens – a primeira de 1962, de Elizabeth viúva com seus filhos, e a segunda, de aproximadamente 1961, de Elizabeth com sua família completa, incluindo seu marido, que foi assassinado pouco tempo depois do registro –, ficamos nos perguntando o quanto de dor carrega o olhar da menina que encara a câmera na fig. 2.

Esse aparelho, a máquina fotográfica, pode ter marcado a memória de sua separação das pessoas que iriam protegê-la, seu pai e sua mãe? São duas imagens que antecedem separações traumatizantes para a família Teixeira e que marcaram uma história de violência que todo brasileiro e toda brasileira deveria conhecer e se importar.

Somente em 2014, no âmbito de ações da Comissão Nacional da Verdade (CNV), essa mãe, Elizabeth Teixeira, reencontrou sete de seus doze filhos. E somente em seu centenário, fevereiro de 2025, encontrou com seus filhos/as, seus netos/as, bisnetos/as e tataranetos.

Mesmo durante o período que viveu na clandestinidade (1964-1981), quando, para sobreviver, teve que assumir o nome de Marta Maria da Costa, Elizabeth foi incansável na Luta pela dignidade do povo, pelo acesso à educação e por melhores condições para o povo do campo. No seu centenário, moradores da comunidade de São Rafael, no Rio Grande do Norte, onde ela morou durante os dezessete anos de clandestinidade, entraram em contato com o MLLC para informar o quanto sua atuação na região foi importante e que iriam em caravana para fazer uma justa homenagem a essa mulher inspiradora.

Nada foi capaz de deter o ímpeto por justiça social e por melhores condições de vida e trabalho para a população do campo que habita em Elizabeth Teixeira. Uma mulher marcada para viver, que segue inspirando diversas gerações do campo e da cidade. Sua história nos faz entender a importância de se importar uns com os outros e não desistir de lutar. Na exposição organizada pelo MLLC para seu centenário podemos conhecer um pouco mais sobre essa mulher marcada para viver, vejamos a seguir.

Exposição temporária Elizabeth Teixeira: 100 faces de uma mulher marcada para viver

Mantendo uma dinâmica de trabalho coletivo que é realizado no memorial, também nessa materialidade de preservação de memórias, a curadoria da exposição foi participativa, tecida horizontalmente e carregadas de idas e vindas no processo de feitura.

Articulando a equipe que trabalha no dia a dia da instituição<sup>5</sup> com uma turma de amigos e apoiadores técnicos<sup>6</sup> do memorial, foram muitas as conversas realizadas para definir o que deveria constar na exposição na opinião de cada um, além das pesquisas em arquivos e acervos privados, dos desafios com as limitações e qualidade das imagens históricas e dos dilemas sobre como comunicar as histórias de violência preservando à família já tão historicamente explorada em suas dores. Foram muitos os percalços até a conclusão do trabalho. Não apenas pelos escassos recursos para tal empreitada, mas também porque até o último momento da abertura da exposição, pessoas entregavam ao memorial documentos e objetos importantes para essa história. Nesse sentido, dispor de um plano de acervo e de um plano museológico com critérios bem definidos tem sido muito importante para a instituição em momentos como esse. Mas voltemos à exposição.

A narrativa da exposição está em primeira pessoa, são palavras da própria Elizabeth, coletadas de livros, depoimentos, testemunhos, entrevistas, cartas, entre outros registros. Pois entendemos que o memorial, assim como museus e outros equipamentos culturais deveriam ser, amplifica as vozes dos protagonistas dessas histórias.

Nossa proposta é possibilitar que, ao visitar a exposição, as pessoas possam se aprofundar na biografia de Elizabeth Teixeira e conhecer o que foi o Movimento das Ligas Camponesas, a partir de sua vida de Lutas. Ao conhecer marcos da vida de Elizabeth, compreendemos também momentos históricos do país, sendo possível ainda visualizar a contemporaneidade das Lutas camponesas.

A narrativa seguiu a seguinte estrutura: Ambiente 1 – Elizabeth, de menina a mulher; Ambiente 2 – Elizabeth mãe; Ambiente 3 – Elizabeth invadida por tragédias; Ambiente 4 – Elizabeth marcada para viver; Ambiente 5 – Elizabeth nas telas; Ambiente 6 – Elizabeth(s) lutadora(s); Ambiente 7 – Elizabeth inspiradora.

Sobre essa experiência, cabe compartilhar uma especificidade do MLLC. As exposições têm sido realizadas a partir de uma curadoria coletiva, com muitas vozes, ideias, vontades, desafios e com protagonismo, sobretudo, das camponesas e dos camponeses que fazem a

instituição. Pois ao longo das experiências museais empreendidas no espaço, entendeu-se que quem vive o museu em seu dia a dia são as pessoas que mais conhecem esse corpo vivo.

Nas experiências de exposições temporárias realizadas, há um deslocamento de poder da figura central de uma pessoa curadora para uma equipe interdisciplinar, que atua respeitando o protagonismo dos agentes locais. Nesse processo, descentralizado, ouvimos as ideias de todas as pessoas envolvidas no projeto de curadoria.

Em um primeiro momento, são acolhidas todas as ideias de como e do que expor. Todas as propostas são registradas e amadurecidas em reuniões e posteriormente compiladas pela museóloga da equipe. Uma apresentação da proposta unificada é então apresentada, discutida, ajustada em suas nuances, amadurecida com o historiador, responsável pela consolidada pesquisa iconográfica e de conteúdo, e com as educadoras do grupo, para dar então prosseguimento.

O trabalho gráfico da exposição caminhou em sintonia com os traços da arte feita para a identidade visual do festival, pelo artista Shiko, pois a exposição foi um dos braços do festival que apresentaremos a seguir. Como pode ser observado no canto esquerdo da fig. 8, há Elizabeth de perfil, rodeada por flores e pássaros. Em sintonia com as vibrantes cores da arte, todo o desenho gráfico da exposição, feito por Daniela Lira, utilizou esses seres vivos da natureza que acompanharam a narrativa de e sobre Elizabeth.

No trabalho de expografia, coordenado por Maria Botelho, superamos desafios da materialidade do imóvel que recebeu a exposição, casa tombada como patrimônio histórico, cuja fragilidade material exigiu que fossem preservadas as paredes de barro, conhecida popularmente como "pau a pique", uma construção vernacular a base de barro e madeira.

Outros elementos, como a incidência de luz direta, o calor, a ausência de pontos de eletricidade e demais peculiaridades, exigiram criatividade e bastante vontade de fazer acontecer uma exposição que ocupou toda a casa. A principal estratégia foi realizar painéis suspensos por ferros e madeira, em bases de sacos de estopa com terra e grãos. No formato, os painéis às vezes se movem com o vento, comunicando artisticamente a flexibilidade dessa memória preservada.

Outro grande desafio foi como comunicar as tragédias que assolaram a vida de Elizabeth, sem fazer disso o ponto mais importante a ser destacado de sua jornada. Pensamos inicialmente em reservar um cômodo emblemático da casa para sinalizar essas histórias mais intensas de violência. Nos referimos ao cômodo onde ela dormia e onde supostamente foi encontrada morta a sua filha mais velha, Marluce, que se suicidou em 1962, aos 18 anos.

Nesse ambiente foram compiladas as principais tragédias ocorridas no seio da família Teixeira, o assassinato de João Pedro, o suicídio de Marluce, as ameaças à Elizabeth e a violência da separação de seus dez filhos. Mas na montagem da exposição, debatemos que, efetivamente, toda a exposição é marcada por tragédias que acometeram Elizabeth e sua família.

Nesse sentido, cabe aqui compartilhar que os alertas da museologia de memórias traumáticas (Brito, 2023) foram realmente significativos para a concepção desses conteúdos de dor na exposição, tais como:

não revitimizar a família, explorando imagens de violência e situações de intensa vulnerabilidade como, por exemplo, a foto de João Pedro assassinado no chão, a foto de uma das crianças nua, entre outras; apresentar contextos históricos e sociais importantes para que o público entenda os fatos com elementos que o apoiem em leituras críticas dos fatos narrados; respeitar a diversidade de gênero na linguagem da exposição, entendendo que os textos a serem produzidos precisam ser acessíveis ao público;

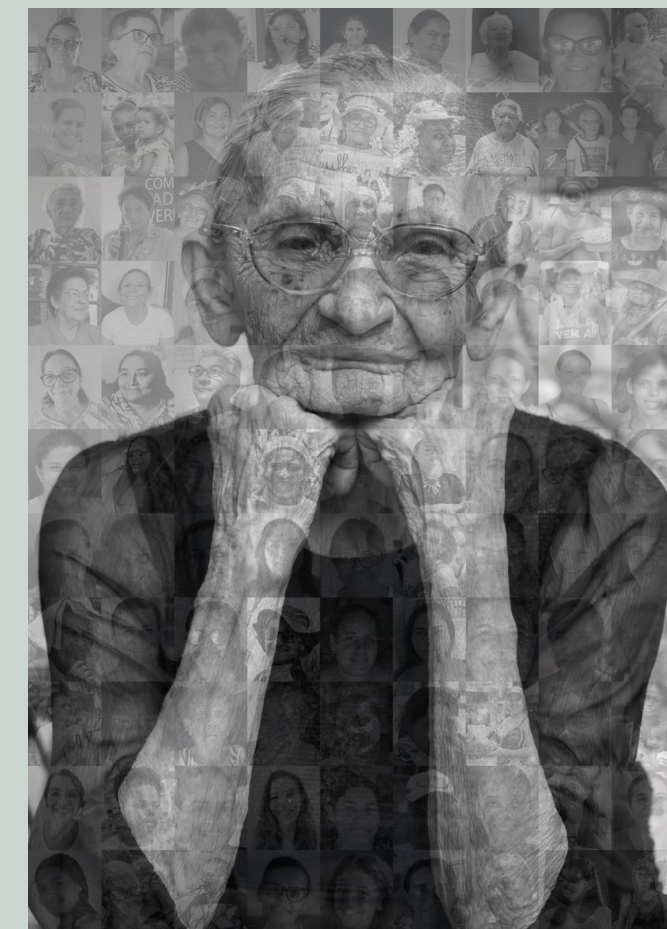
não singularizar a memória, mas apresentá-la como plural e sempre passível de disputas no presente.

Esses foram alguns dos cuidados que tivemos na concepção, montagem e comunicação da exposição. Sinalizamos um espaço central do imóvel cujo conteúdo é mais

Imagens da exposição Elizabeth Teixeira: 100 faces de uma mulher marcada para viver.  
Fonte: Acervo MLLC.



Painel "100 faces de Elizabeth Teixeira".  
Arte de Daniela Lira.  
Fonte: Acervo MLLC.



denso de memórias traumáticas, mas entendemos que todos os cômodos apresentam memórias de dor, mesmo as mais sutis, como a carta que Elizabeth escreve aos seus "filhinhos" relatando o seu pesar por não ter podido estar com eles. Nesse documento histórico, compartilhado com sua letra, na exposição, vemos um efeito da violência continuada que Elizabeth sofreu ao longo dos anos por não ter podido ver seus "filhinhos" crescerem.

Há que se destacar, nesse contexto de atravessamento de dor, mas também de pluralidade, o painel das cem faces das mulheres camponesas, que compõem juntas em mosaico o rosto de Elizabeth Teixeira. Inspiradas no painel visto no Museu do Aljube, em Portugal, montamos uma homenagem às mulheres que seguem nas Lutas.

### 3. O Festival Cultural da Memória Camponesa

Durante os dias 13, 14 e 15 de fevereiro de 2025 o MLLC junto com os movimentos e organizações sociais do campo, realizou o primeiro Festival Cultural da Memória Camponesa, que teve como subtítulo "Centenário de Elizabeth Teixeira". Este evento foi um marco histórico para aqueles que lutam por reforma agrária. Foi o momento de dar centralidade à pauta da reforma agrária tão sonhada por Elizabeth Teixeira.

Durante esses três dias ocorreram momentos importantes para a história brasileira e o campesinato nacional. No primeiro dia, a instituição atuou no âmbito da re-

paração social à família Teixeira, com uma programação restrita aos familiares. O dia foi voltado para atividades de acolhimento a uma família impactada diretamente pela violência unificada de famílias latifundiárias aliadas ao aparelho do Estado. Foi também o momento de Elizabeth mãe, avó, bisavó e tataravó conheceu os seus. Ouvir que seus e suas filhos/as, netos/as e bisnetos/as continuam sua Luta e reconhecem a grandeza dessa mulher marcada para viver. Alguns colaboradores do memorial participaram da atividade. A preocupação sempre foi de não explorar a dor da família e atuar com o desenvolvimento do seu programa institucional de justiça e reparação, como previsto no Plano Museológico do MLLC.

No segundo dia do festival, foi oficialmente aberta a exposição temporária "Elizabeth Teixeira: 100 faces de uma mulher marcada para viver". A exposição apresentou diversas faces dessa mulher que dedicou a vida pelo coletivo. A narrativa da exposição considerou uma linguagem em primeira pessoa, graças à pesquisa feita; os painéis e demais elementos da exposição compartilharam falas de Elizabeth coletadas de livros, testemunhos orais, documentos oficiais e demais fontes históricas. O objetivo da curadoria foi que cada pessoa visitante pudesse estar em diálogo direto com as memórias da centenária.

Neste dia a programação também contou com lançamentos de livros, cordéis e do Acervo Digital Memória e Documentação das Ligas e Lutas Camponesas da Paraíba, disponível para acesso em <https://www.ligascamponesas.org.br/acervo/>. O projeto, feito em parceria com o



Marcha camponesa, em 2025, na Comunidade Tradicional Barra de Antas. Fonte: Acervo MLLC.



Palco principal do Festival da Memória Camponesa, em 2025, na cidade de Sapé, Paraíba. Fonte: Acervo MLLC.

MLLC e a Universidade Federal da Paraíba, foi coordenado pela professora Emília de Rodat Fernandes Moreira.

Os presentes na celebração realizaram uma marcha em memória daqueles que dedicaram suas vidas por melhores condições de vida no campo, caminhando pelas ruas da Comunidade Tradicional de Barra de Antas. Entre os cartazes, em alusão ao momento histórico que o Brasil vivia na disputa pelo Oscar do filme "Ainda estou aqui", cartazes com dizeres como "Ainda estamos aqui" e "Aqui tem um povo marcado para viver" destacavam a resistência camponesa diante do histórico silenciamento que a memória pública oficial inflige à classe camponesa.

O dia foi finalizado com a entrega simbólica do ofício da solicitação de tombamento federal do imóvel onde funciona o MLLC ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). A casa já tem reconhecimento patrimonial oficializado pelo Instituto do Patrimônio Histórico do estado da Paraíba. Mas entendendo a importância dessa história para o país, o MLLC reivindica o tombamento nacional. No bojo do centenário, 1.128 pessoas assinaram uma petição<sup>9</sup> para que o Iphan reconhecesse a importância patrimonial deste lugar de memória.

No último dia do festival, a Feira Cultural da Agricultura Familiar Camponesa marcou a data. Uma celebração marcada visualmente por diversas cores, formas, alimentos e flores que dão vida à nossa existência enquanto seres. Um momento singular para valorizar os produtos da reforma agrária e promover o diálogo sobre a memória e história da Luta pela terra.

Diante de um grande palco montado no centro da cidade de Sapé, um coro de vozes ecoou veemente entoando "Elizabeth, cadê você? Viemos aqui só pra te ver". E ela, aos 100 anos, atendendo a voz do povo, compareceu ao ato político, que contou com a presença de agentes de Estado, como o ministro da Agricultura e Pecuária do Brasil, Carlos Fávaro.

Elizabeth Teixeira subiu ao palco, e em sua fala, exigiu que haja reforma agrária, nos convocou ao comprometimento, à dedicação e à Luta por melhores condições para o povo camponês. Outras autoridades locais, estaduais e nacionais também tiveram espaço para se expressar e todo o povo foi agraciado com muita música e atividades culturais.

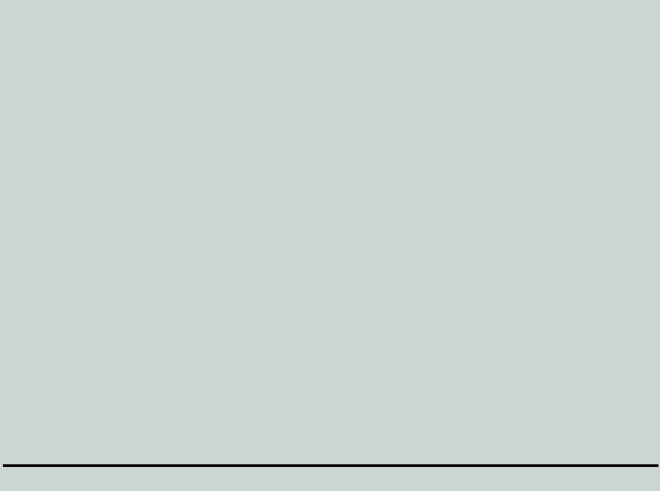
O festival foi um momento histórico, pois foi a primeira vez depois das Ligas Camponesas que se realizou um ato unificado pelos movimentos e organizações sociais na Luta pelo direito à memória e reparação. Essa unificação, há que se registrar, deve muito à capacidade de mobilização de Elizabeth Teixeira.

#### 4. O poder da reparação da memória pública

O Festival Cultural da Memória Camponesa não foi apenas uma celebração do passado, mas uma oportunidade de fortalecer o compromisso com a reforma agrária e com a justiça social e de provocar a classe trabalhadora a continuar a Luta pela terra, pela educação e pela dignidade de homens e mulheres do campo. Foi uma oportunidade coletiva para pensarmos a Luta como uma tarefa coletiva, que exige memória, organização e persistência.

Há ainda que se mencionar a necessidade de entendermos, coletivamente, que o processo de reparação da memória não é isento de tensões. Reviver o passado reacende muitas vezes conflitos e expõe fraturas sociais ainda não sanadas, exigindo um equilíbrio delicado entre o direito à verdade e a necessidade de reconciliação. Há diferenças importantes entre indenizações e reparações que precisam ser consideradas. A reparação exige um compromisso ético e político com a complexidade histórica, evitando simplificações, com olhar e ação crítica as implicações que as violações do passado mantêm no presente.

A reparação, quando conduzida com responsabilidade, não apenas restaura a dignidade às vítimas, mas também constrói pontes entre gerações, fortalecendo a conexão da Luta do passado com a justiça no presente e futuro. Essa justiça ocorre também quando organizações, como o Memorial das Ligas e Lutas Camponesas, conseguem produzir, planejar e construir instrumentos de



organização que preservam e garantem a continuidade das Lutas trazendo suas diversas faces.

Desta forma, entendemos que uma das funções sociais do MLLC é dedicar-se à justiça e reparação, como um equipamento cultural camponês que fomenta o direito à memória de uma classe que é historicamente marginalizada no Brasil.

Durante o evento, o atual ministro da Agricultura, Paulo Teixeira, anunciou a desapropriação de parte da Fazenda Antas, para formalização do futuro Assentamento Elizabeth Teixeira, localizado no entorno da casa onde morou Elizabeth e sua família.

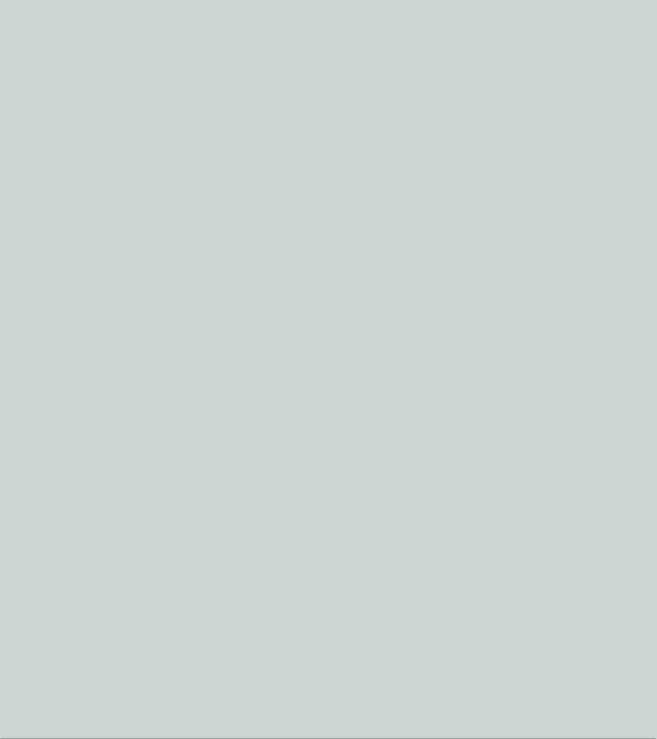
Ao cumprimentar a centenária, como presidenta do memorial, Alane apresentou o ministro a Elizabeth e disse: “Olha Elizabeth, esse aqui é o ministro, ele vai fazer a reforma agrária”, ao que nossa centenária, que tanto batalhou por isso, respondeu: “Muito bom, quero ver mesmo é conseguir fazer”. Rimos todos. Mas a resposta dessa lutadora centenária, carregada de lucidez em sua contestação, deveria entristecer todo o povo brasileiro.

A desapropriação de parte da Fazenda Antas pelo Estado e sua nomeação “Elizabeth Teixeira” é uma indenização e uma reparação histórica para o campesinato. Este território, lugar de memória da repressão aos camponeses, terra em que muitos foram violados na defesa da dignidade do trabalho no campo, a partir de 14 de fevereiro de 2025, possui um novo registro histórico, o de terra que homenageia as Lutas de Elizabeth Teixeira.

Na comunidade de Barra de Antas, em pesquisa realizada em 2023, a maioria dos moradores se identificaram como agricultores e não como camponeses. O medo da perseguição aos “camponeses” é ainda real no seio da comunidade. Em nossa leitura, é mais uma herança da ausência de responsabilização a crimes políticos no Brasil. Cabe sinalizar que, até março de 2025, somente o torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra, foi responsabilizado pela Justiça brasileira, pelos crimes cometidos durante a ditadura.

Diante desse legado autoritário, que preconiza o medo e que se mantém forte entre o povo do campo, o Memorial das Ligas e Lutas Camponesas oferta criticidade, amor, perseverança e Lutas.

Você já deve ter notado a grafia incomum da palavra “Luta” usado nesse texto, e talvez até se incomodado com ela. A letra maiúscula utilizada aqui e no Plano Museológico do MLLC, bem como em outras publicações institucionais, nos convoca a dar uma maior expressão a

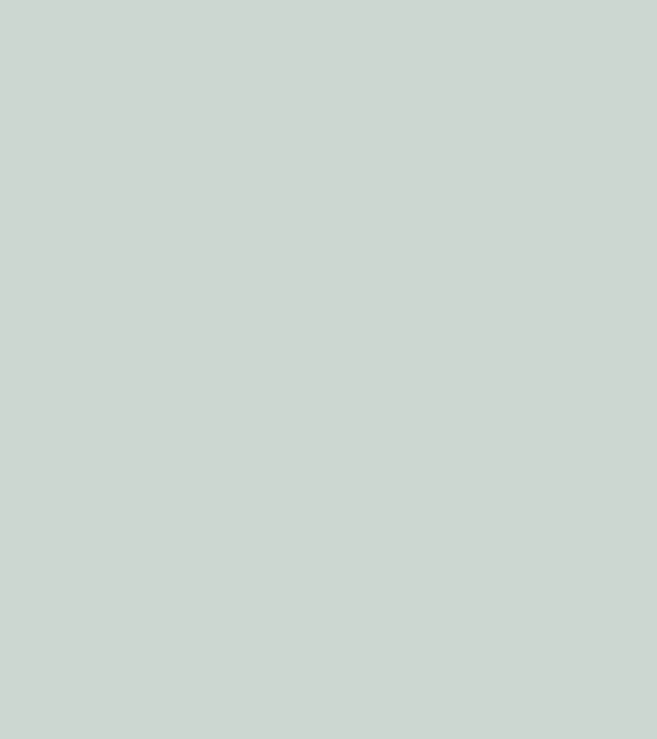
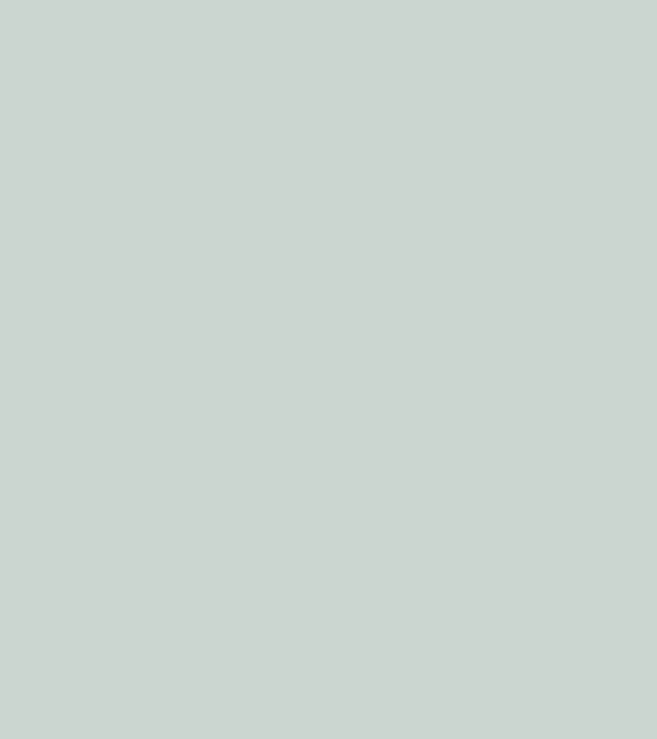


## A reparação exige um compromisso ético e político com a complexidade histórica, evitando simplificações, com olhar e ação crítica as implicâncias que as violações do passado mantêm no presente.

esse termo. Palavra enfatizada pelo Memorial das Ligas e Lutas Camponesas como um termo que carece sempre de destaque: Lutar, verbo que é uma ação contínua da classe camponesa. Palavra que ilumina nomes, rostos e desejos de muitos que nos antecederam e força para os que permanecem em ação, continuando as reivindicações por dignidade ao povo do campo.

Para isso, entendemos que a memória é força motriz, necessária em sua diversidade para acompanhar as novas dinâmicas sociais das Lutas no presente. E ao contemplar a memória como força mobilizadora, não somente acionamos, mas também registramos, as memórias do centenário de Elizabeth Teixeira, mulher marcada para viver. Tinta no papel, história registrada e com ela e, diversos outros ativos memoriais, seguiremos comunicando a importância da defesa dos Direitos Humanos. E que essa defesa cabe a todas as pessoas.

Nos despedimos de você que nos acompanhou até aqui. E saiba que, ao ter acesso a essas memórias compartilhadas, tu te torna, assim como nós, um guardião dessas memórias.



**AUTORAS**

Ana Paula Brito é historiadora e museóloga. Professora do Curso de Museologia da Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisadora de pós-doutorado da Universidade de São Paulo (Fapesp, processo 2023/13497-2). É coordenadora da Rebrapesc e colaboradora do MLLC desde 2019. Alane Lima é camponesa e pedagoga com aprofundamento em Educação do Campo. É mestranda em Geografia na Universidade Federal da Paraíba, com bolsa pela Capes. Foi também presidenta do Memorial das Ligas e Lutas Camponesas de 2019 a 2025.

**NOTAS**

1. As imagens compartilhadas neste artigo são do Acervo do Memorial das Ligas e Lutas Camponesas, registradas por fotógrafos que voluntariamente executaram a cobertura fotográfica do festival. Na impossibilidade de especificar a autoria individual, registramos a colaboração de todos: Weverton Rodrigues, Carla Batista, Diego Resende, Alane Lima e Alexia.
2. Elizabeth concedeu muitas entrevistas ao longo de sua vida pública. Algumas delas podem ser acessadas em áudio e vídeo, como a entrevista concedida por ela ao jornalista Eduardo Homem em meados de 1980, disponível em: https://www.instagram.com/acervodovideopopularpe/reel/d6TLpRxtii/, acesso em 01/04/2025; Bem como em transcrições e análises de obras como: ROCHA, Ayala A. Elizabeth Teixeira: mulher da terra. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2016.
3. Saiba mais sobre o Movimento das Ligas e Lutas Camponesas em: RODRIGUES, Weverton Elias Santos. A memória camponesa em disputa: uma perspectiva dos direitos humanos na experiência do memorial das ligas e lutas camponesas. Dissertação de mestrado. João Pessoa/PB, 2024.
4. Entrevista de Elizabeth Teixeira concedida

à Eduardo Homem, registrada pela Equipe da tv Viva em meados de 1980. O material audiovisual foi digitalizado e é disponibilizado para acesso pelo Acervo de Vídeo Popular de Pernambuco.

5. Alane Lima e Weverton Oliveira. Do memorial, também participaram da exposição, Gilmar Estevam e Ozenildo Ramos, Maria José e Adriana Cruz no apoio alimentar e no bordado do coração.

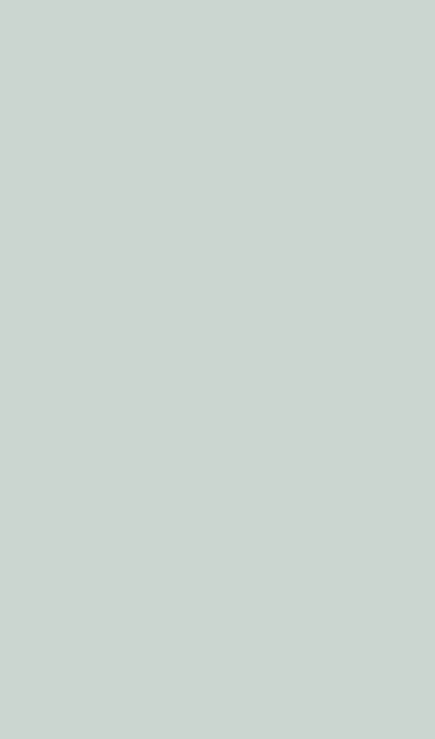
6. Ana Paula Brito, Átila Tolentino, Daniella Lira, Maria Botelho e Sandra Santana.

7. Fruto do projeto “Geografia Agrária e Cartografia Histórica Crítica: refazendo e representando o percurso das lutas sociais no campo paraibano através de um acervo digital das Ligas e Lutas Camponesas”, desenvolvido na UFPB com financiamento do CNPq – Processo Nº 313238/2017.

8. Disponível em:https://secure.avaaz.org/community\_petitions/po/leandro\_grass\_tombamento\_do\_memorial\_das\_ligas\_e\_lutas\_camponesas\_pelo\_iphan/?cJjxlub&utm\_source=sharetools&utm\_medium=copy&utm\_campaign=petition-1740908-tombamento\_do\_memorial\_das\_ligas\_e\_lutas\_camponesas\_pelo\_iphan&utm\_term=cJjxlub%2Bpo. Acesso em: 17/03/2025.

**REFERÊNCIAS**

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
BRITO, Ana Paula. **Museologia de memórias traumáticas**: a produção acadêmica da museologia brasileira sobre a ditadura (2014-2020). Dissertação (Mestrado em Museologia) –. Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto AlegreRio Grande do Sul, 2023.
CABRA MARCADO Para Morrer. Direção: Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Mapa Filmes do Brasil;



E.C. Fílmes,, 1984. Documentário de Eduardo Coutinho. Duração: 1h 59:19 min., color.
DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Livraria da TravessaPallas, 2006.
LIMA, Alane *et al.* **Plano museológico Museológico do Memorial da Ligas e Lutas Camponesas: 2023-2027**. João Pessoa: Memorial das Ligas e Lutas Camponesas, 2023.

MARIA, Lourdes; MIELE, Neide; GODOY, Rosa Maria (Org.). **Eu marcharei na tua luta!** A vida de Elizabeth Teixeira. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 1997.

MORAIS, Clodomir Santos de. **História das Ligas Camponesas no Brasil – 1969**. *In*: STEDILE, João Pedro (org.Org.). **História e natureza das Ligas Camponesas – 1954- 1964**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

ROCHA, Ayala A. **Elizabeth Teixeira**: mulher da terra. João Pessoa: Editora. Universitária da UFPB, 2016.

RODRIGUES, Weverton Elias Santos. **A memória camponesa em disputa**: uma perspectiva dos direitos humanos na experiência do memorial das ligas e lutas camponesas. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) – Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas, Universidade Federal da Paraíba,. João Pessoa,/PB, 2024. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/34869.

TOLENTINO, Átila Bezerra. **A ferida colonial, os museus e as lutas no campo**: insurgências e práticas decoloniais no memorial das ligas e lutas camponesas. Tese (Doutorado em Sociologia) –. Pós-graduação em Sociologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba,. João Pessoa, 2024. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/32931.